BRANCACCI, A. *Oikeios logos. Linguagem, dialética e lógica em Antístenes*. Rio de Janeiro / São Paulo: PUC-Rio / Loyola, 2019, 351 p.

O minucioso estudo que nos oferece o professor A. Brancacci nesta obra representa para os estudiosos da filosofia antiga uma excelente introdução e apresentação do pensamento de Antístenes de Atenas, este pensador cujas ideias constituem um importante material para se compreender a história da dialética, da reflexão sobre a linguagem e da lógica na Antiguidade grega. No período que sucedeu a morte de Sócrates, Antístenes foi um dos mais importantes expoentes do círculo socrático. Mas ele não foi simplesmente um porta-voz das ideias de Sócrates. Ele desenvolveu um pensamento próprio e escreveu livros substanciais sobre um amplo leque de temas, e inclusive de temas que não estiveram no foco das interrogações socráticas. Nas últimas décadas, estudos têm mostrado a real estatura deste pensador. Entre esses, e inaugurando este renovado interesse pelas ideias de Antístene, encontra-se o livro de A. Brancacci: *Oikeios logos. Linguagem, dialética e lógica em Antístenes*. Publicado na Itália em 1990 pela editora Bibliopolis de Nápoles, o livro chega às livrarias brasileiras em uma cuidadosa tradução de Joseane Prezotto e Simone Petry, numa parceria das editoras PUC Rio e Loyola. Para a preparação da versão brasileira, as tradutoras contaram com a interlocução do autor, o que fez com que o livro fosse acrescido de notas e observações suscitadas pelos leitores da edição italiana. O título foi ligeiramente – mas significativamente – modificado com o

intuito de melhor indicar o escopo da obra. O subtítulo original *A filosofia da linguagem de Antístenes (La filosofia del linguaggio di Antistene)* foi substituído por *Linguagem, dialética e lógica em Antístenes*. Para tanto, ele levou em conta a intuição de V. Goldschmidt segundo a qual o *logos* enquanto instrumento compreenderia as três operações relacionadas com a investigação acerca da verdade, a saber a sua apreensão, a sua atualização e a sua transmissão. Além destas modificações, a tradução brasileira contou com uma atualização da bibliografia e com a tradução para a língua portuguesa dos fragmentos de Antístenes, apresentados unicamente em língua grega na edição italiana, o que torna a tradução brasileira acessível a um público ainda mais amplo.

O pensamento de Antístenes vem sendo objeto de um renovado interesse entre os estudiosos contemporâneos da filosofia antiga. O estudo de Brancacci deu lugar a outros trabalhos sobre o pensamento deste filósofo, como o recente estudo de P. A. Meijer publicado em 2017 na Holanda: *A New Perspective on Antisthenes. Logos, Predicate and Ethics in his Philosophy* (Amsterdam, 2017). Estas obras cobrem um arco temporal de quase 30 anos, período este no qual Antístenes adquiriu uma posição importante na história da filosofia antiga, vindo a ser reconhecido como um instigante pensador.

Antes, contudo, que o seu legado viesse a ser redescoberto e revalorizado e sua estatura enquanto filósofo reconhecida, a figura de Antístenes foi objeto de controvérsias entre os historiadores da filosofia. Um primeiro ponto de

divergência dizia respeito à sua posição perante seus predecessores, contemporâneos e sucedâneos.

Diferentes gerações de intérpretes se interessaram Antístenes e seu pensamento. Uma destas vias consistiu na tentativa de repertoriar as alusões indiretas que teria Platão feito à sua pessoa e às suas ideias em seus diálogos. Para H. Kesters (*Anthisthène, De la Dialectique*, 1935), Antístenes teria mesmo escrito uma réplica ao *Fedro* de Platão. Antes dele, K. Joël (*Der echte und der xenophontische Sokrates*, 1893) já havia sugerido que a imagem que nos oferece Xenofonte de Sócrates, assim como aquela do sofista Pródico nos diálogos de Platão teriam sido uma forma indireta de se referir à Antístenes. Uma outra via de interpretação fez de Antístenes o fundador do Cinismo. E, mais recentemente, alguns estudiosos tem defendido a posição segundo a qual ele não teria sido nem um pensador independente nem significativo, de que ele deveria ser considerado principalmente como um discípulo de Górgias e sucessor da sofística do século V a.C. (Cf. Guthrie, W.K.C. *History of Greek Philosophy*, Cambridge, 1969).

O que se sabe ao certo acerca de Antístenes? O que se pode dizer com alguma certeza é que ele viveu entre os séculos V e IV a.C. (~445-365 a.C.), que foi discípulo de Górgias e que, a julgar pelo testemunho de Platão, esteve presente por ocasião da execução da pena de Sócrates. No mais, dispomos de uma lista de títulos de obras que nos foi transmitida por Diógenes Laércio (*Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VI, 15-18) totalizando, segundo este autor, sessenta e um tratados reunidos em dez volumes.

Um base nova e sólida para quem se interessa pelo pensamento de Antístenes foi oferecida pela publicação de duas coletâneas de textos, ambas

organizadas por eminentes estudiosos italianos: primeiramente, a *Antisthenis Fragmenta* de F. Decleva Caizzi (Milão, 1966), e, dezessete anos mais tarde, os três volumes do *Socratis et Socraticorum Reliquiae*, organizados por G. Giannantoni (Roma-Nápoles, 1983-1985).

Em seu livro, A. Brancacci assume a tarefa de empreender, pela primeira vez, uma tentativa de reconstituição da estrutura do conjunto das obras que foram atribuídas a Antístenes a partir do exame dos fragmentos reunidos nestas obras. Ele observa que o seu pensamento não possui um caráter monolítico. Muitas são as formas de expressão, assim como são vários os gêneros em que foi vertida e diversos os temas abordados. O que sem dúvida unifica o conjunto é a centralidade da reflexão sobre o *logos*, por ele considerado fundamento e peça-chave do pensamento antisteniano, que se desenvolve em quatro frentes: a da lógica, a da retórica, a da dialética e a da ética. Brancacci se entrega à tarefa de defender a tese da unidade do pensamento de Antístenes, tomando por base a noção de *oikeios logos*, noção que a seu ver estrutura e articula os vários temas e assegura a unidade do seu pensamento (cf. p. 14). Isso justifica a escolha do título para apresentar o seu estudo sobre o pensamento de Antístenes. O desejo de defender a unidade da doutrina de Antístenes é uma escolha determinante que não se limita a uma mera questão de método, mas revela nela a inspiração socrática que considera que o *logos* tem por finalidade determinar o sentido próprio e único de cada termo. Para realizar seu intento, o autor parte de uma abordagem semântico-linguística, passa pela dialética e pela retórica, até alcançar as questões de natureza lógica e, em seu âmbito, a teoria da definição.

Em sua exposição, o autor examina os testemunhos e os fragmentos de Antístenes atento ao contexto histórico

e filosófico no qual ele desenvolve sua investigação e reflexão. Tal disposição o leva a considerar sua crítica ao relativismo sofisticado e a ao estatuto ontológico das essências em Platão. Em sua análise destes temas ele vislumbra a imagem de um Antístenes que não apenas se mostra fiel a Sócrates, mas que pretende desenvolver seu pensamento e pôr em prática sua exigência de tudo submeter ao exame e sua dialética.

O livro está organizado em sete capítulos e a investigação neles levada a termo se concentra no exame dos títulos de tratados que figuram nos volumes VI e VII do catálogo de suas obras que nos foi transmitido por Diógenes Laércio no livro VI das *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Os tratados reunidos nestes dois volumes estão imediatamente relacionados com as questões de natureza lógico-dialética, e ao examinar os títulos aí repertoriados ele discute questões relativas à sua cronologia e gênero literário.

O autor se entrega à tarefa de reconstituição do pensamento antisteaniano no campo da linguagem, examinando as teses que aos seus olhos constituem a sua “base” e o seu “fundamento”. No capítulo intitulado “O significado dos nomes”, ele examina o problema do uso dos nomes, o que, para Antístenes, constituía o princípio e ponto de partida para a aquisição da virtude almejada pela *paideia* filosófica. A compreensão da relação entre o nome e a coisa era por ele considerada ferramenta para a aquisição do conhecimento e única via para se alcançar a verdade. Antístenes participa assim do importante debate que mobilizou pensadores como Górgias de Leontinos e Demócrito de Abdera no séc. V a.C. em torno do estatuto e do papel do *logos*. E Brancacci mostra que a linguagem foi objeto de sua atenção não apenas no que concerne o “estudo dos nomes (*onomata*) e de seu significado”, mas, também, enquanto “reflexão de caráter essencialmente normativo

sobre a língua e suas propriedades morfológicas” (p. 5). A sua análise dos tratados de Antístenes neste âmbito se articula em duas vias principais: uma de ordem metodológica, que consiste em explicitar as técnicas e procedimentos mobilizados pelos filósofos em suas análises linguísticas, e a outra de natureza sistemática, que se compraz no exame de sua dimensão propriamente teórica. Com isso, ele pretende “reconstituir a originalidade do método de análise” de Antístenes e o papel que esse desempenha “no interior de seu projeto filosófico” (p. 55). Ele começa por desenvolver uma análise semântica inspirado pelo exame dos fragmentos pertinentes ao tema que teria sido objeto do tratado *Sobre o uso dos nomes*, em vista do que ele se confronta com as exegeses homéricas. Ele parte do problema do uso dos nomes, da sua polissemia, para avaliar os níveis da opinião e da verdade, e considerar as vantagens de proceder a correções que possam tornar os textos objeto de exegese mais proveitosos na educação dos jovens. Neste percurso, observa Brancacci, a exegese do texto poético oferece as premissas que configuram um estilo de reflexão em que o comentário filosófico caminha passo a passo com a análise semântica e a interpretação textual.

As análises das *léxeis* poéticas eram para Antístenes ao mesmo tempo a ferramenta que evidenciava as contradições, e “o método que permitia resolvê-las” (p. 77). Com efeito, o seu interesse não era tanto o de apontar as eventuais incoerências do poeta, mas o de afastar, por meio da análise linguística, as ambiguidades no uso dos termos que poderiam atribuir ao poeta uma contradição. (p. 77). A esse propósito, Brancacci evoca o testemunho de Plutarco, para quem as “correções marginais” das exegeses homéricas pretendiam “restabelecer a verdade de uma afirmação” (p.77). Suas correções deixam entrever o fundo ético que animava o pensador. Por detrás das

paradiortheseis operadas por Antístenes, que consistiam em correções anotadas à margem das expressões poéticas, é possível entrever a preocupação de ordem moral que as inspirava. A este propósito escreve Brancacci: é da “ligação estreita com a educação que a prática do comentário de texto obtém sua motivação e sua gênese, mas, se ela determina o escopo das correções marginais e do uso dos nomes, ela se distingue deles por sua amplitude” (p. 78). Isso é o que se observa, por exemplo, nos fragmentos relativos à poesia trágica. O autor nota que “a dissolução da fórmula tradicional do mito é ela mesma fonte de uma nova elaboração moral” (p. 79). Não é, pois, sem razão que ao termo deste percurso, o capítulo se encerra precisamente por uma seção consagrada ao exame das consequências éticas da análise semântica (p. 79-84). Segundo Brancacci, ao “explicitar o significado próprio (*oikeion*), e portanto único (*hen*), de cada termo”, a intenção de Antístenes era de assegurar “um fundamento sólido para a reflexão moral” (p.80).

Como desdobramento natural das conclusões emanadas da reflexão acima, o autor se ocupa em investigar a concepção antisteniana da *paideia*, recorrendo para tanto ao exame dos fragmentos éticos e extraíndo deles os pressupostos necessários para se pensar a educação. O autor começa por notar que o fato de não dispormos dos cinco livros que teria dedicado Antístenes à educação, torna mais difícil um delineamento mais preciso de sua posição sobre este tema e uma consideração de suas “origens filosóficas” (p. 101). Contudo ele considera que os títulos atribuídos a este conjunto de livros, *Sobre a educação* ou *Sobre os nomes*, já atesta a estreita relação que ele entrevia entre a *paideia* e a investigação sobre os nomes, a qual é expressa de modo lapidar em um fragmento citado por

Epicteto (*Socratis et Socraticorum reliquiae* - SSR, V A 160): “o princípio da educação filosófica é o exame dos nomes”. Para Brancacci, esta sentença evidencia o “elo instituído por Antístenes entre momento lógico-linguístico e momento ético-paidêutico” (p. 101).

A identificação do exame dos nomes como a *arché* da educação filosófica encontra respaldo em outros testemunhos e fragmentos que nos foram transmitidos. Como ponto de partida para o exame deste tópico, Brancacci evoca o fragmento, que poderia ser proveniente do tratado *Sobre a educação* ou *Sobre os nomes*, que foi relacionado no *Corpus dei papiri filosofici greci e latini* (CPF, Antisthenes 1 T, Florença, 1989). Nesse fragmento lê-se que “aqueles que pretendem se tornar virtuosos devem exercitar seu corpo por meio de provas físicas, sua alma por meio de argumentos” (SSR, V A 163). O autor associa este fragmento (p. 104) àquele que atribui ao filósofo “a tarefa de ‘cultivar a natureza humana’” (CPF, Antisthenes 1 T) e àquele recolhido por Diogenes Laércio segundo o qual “é preciso construir muros com seus raciocínios inexpugnáveis” (*Vidas e doutrinas dos Filósofos ilustres*, VI, 11), e com base neles evoca “o papel dos argumentos lógico-dialéticos na consolidação das convicções morais” (p. 104). Ele reconhece aqui a influência do intelectualismo que é atribuído a Sócrates, no qual conhecimento e ação moral se encontram estreitamente ligados. Embora Antístenes se esforce em superar este dilema, é nele que ele se inspira para estabelecer a distinção entre dois elementos, o racional e o ascético, sem que, contudo, esta distinção implique em uma rígida separação. Com efeito, como nota Brancacci, esses dois elementos “interpenetram-se e interagem no mesmo nível na realização do valor moral” (p. 104). E é nesse contexto que uma noção racional como a de *phronesis*

ocupa um papel fundamental, como o indica o fragmento reportado por Diógenes Laércio (*Vidas*, VI 13) e citado oportunamente por Brancacci: “a *phronesis* é a mais sólida das fortificações: ela não pode ser derrotada nem tomada por traição” (= *SSR*, V A 134).

O exame da teoria da definição constitui um outro âmbito em que se pode aferir a contribuição da obra de Brancacci para a compreensão da importância e da originalidade do pensamento de Antístenes. A passagem do nome ao *logos* constitui o ponto de chegada da investigação lógica, e se exprime na ideia de *oikeios logos*, isto é do discurso *definicional*, aquele que diz respeito à “definição da definição”. Como se lê em Diógenes Laércio, “é um *logos* aquele que torna manifesto o que era, a saber o que é” (*Vidas*, VI, 3). Em outras palavras, a cada coisa corresponde um único discurso que lhe é próprio através do qual ela se manifesta. Isso se exprime na fórmula que identifica o *legein* ao *legein ti* e ao *legein to on*. Ou seja, torna-se impossível a contradição e a falsidade. A antítese verdadeiro-falso será abandonada em favor daquela que opõe o que é próprio e o que é estranho, estabelecendo assim as condições para se unificar os planos do conhecimento e da virtude, do saber e da moralidade.

O caminho percorrido por Brancacci para reconstituir o pensamento de Antístenes revela assim sua propriedade e excelência. Ao tomar o exame das noções de *logos* e de *oikeios logos* como chave de leitura do corpus antisteniano, ele se pronuncia em favor da singularidade de seu pensamento e faz aparecer sua fidelidade a um Sócrates um pouco diverso daquele que nos é apresentado por Platão, ao mesmo tempo que põe

em xeque a sua associação aos movimentos sofista e cínico. No Antístenes de Brancacci, as atitudes aporética ou cética cedem lugar àquela dogmática, assentada na convicção de que ao *logos* é sempre possível alcançar a verdade.

A imagem de um Antístenes intelectualista apresentada por Brancacci poderia soar estranha diante daquela que se depreende, por exemplo, do propósito que lhe atribuiu Diógenes Laércio: “a virtude é do âmbito das obras e não necessita nem de muitos discursos, nem de disciplinas a aprender” (*Vidas*, VI, 11). Entretanto, ao elucidar a necessária conexão entre as dimensões semântico-linguística e ético-paidêutica, o autor parece afirmar o primado da segunda e sua dependência, não tanto das teorias ou das disciplinas que compõem o elenco das operações relativas ao *logos*, mas do método que a partir delas se desenvolve em vista de uma compreensão das consequências éticas de um uso correto das palavras e do discurso.

O abrangente estudo apresentado por Brancacci nesta obra contribui de modo efetivo para suscitar o interesse pelo pensamento de Antístenes, oferecendo uma chave e uma via para a leitura e interpretação de seus fragmentos, além de evidenciar o liame estreito que ele entrevia entre vida e pensamento. Brancacci mostra o quanto a reflexão sobre a linguagem nos âmbitos da análise semântica, da dialética, da retórica e da lógica se articula com a reflexão ética: “reconhecer a racionalidade da linguagem permite exaltar ‘o valor absoluto de cada conceito moral’”(p. 84).

Miriam Campolina Diniz Peixoto
(UFMG)